



1



2



3

# Lighting design

Por Howard Brandston

## Uma arte, não um mero compêndio de códigos e normas

**PARTE DO PRINCÍPIO DE QUE A MAIORIA DE NÓS É** profissional de nível universitário, que se reconhece como possuidora de certas ferramentas para trabalhar e conviver uns com os outros. Podemos ler e escrever, calcular e nos comunicar de maneira apropriada; aprendemos as práticas, os códigos e as normas das nossas profissões. Mas, e daí? Será que isso basta?

Muitos acreditam que sim. Costumam centrar suas atenções nessas supostas ferramentas – códigos, normas e qualquer frase de efeito ou modismos que estejam em voga,

e, com isso, praticam suas profissões, seguindo uma metodologia isenta de reflexão. Mas eu creio que seja bom desconfiar de tal educação, para não correr o risco de que ela atue como uma lavagem cerebral.

Neste artigo vou mostrar como essa cilada pode ser evitada, passeando um pouco ao acaso, ao redor e através de minhas experiências de vida e de pensamentos sobre a iluminação enquanto arte e da criação artística da iluminação a partir da indagação: o que você deseja ver? Note que esses mesmos princípios podem ser aplicados a qualquer coisa.

Antes de começarmos nossa trajetória, vamos pensar sobre o que significam termos que mais usamos para definir o nosso ofício. O primeiro deles é arte, que, segundo o dicionário Webster, é a “habilidade adquirida por experiência ou estudo; uma ocupação que requer conhecimento e habilidade; o uso da habilidade e da imaginação na produção de coisas belas”.

Uma “obra de arte” é, pois, do meu ponto de vista, uma concepção original, algo belo, uma demonstração de maestria na realização de um trabalho que requer criatividade. Arte é a natureza fundamental da realização intelectual na obra.

Partimos então para design: “concepção de desenho de planos para uma função específica ou final”, segundo o mesmo dicionário. Estas definições, com certeza, sugerem que um design seja um plano mentalmente concebido para posterior realização. Por isso, design não é cópia. Cópias não brotam da mente.

E lighting design, o que significa? Esta nomenclatura não consta no dicionário; na minha concepção, é o uso habilidoso e original da luz, concebida de modo criativo

e desenhada para alcançar uma determinada função ou finalidade.

E arte da iluminação? Novamente, minha definição: a arte da iluminação é a síntese do pensamento, intelecto, emoção e inspiração. Esses são os componentes do nosso trabalho, seja ele qual for. Qualquer trabalho precisa de alimentação constante, para que possa se desenvolver de modo vigoroso. Vigor, na realidade, é o combustível da inspiração que projeta em nossas mentes “o que desejamos ver”.

### Pensamento criativo

Para criar uma obra de arte, você deve começar com uma mente aberta. Segundo Rudolph Flesch, “pensamento criativo pode significar simplesmente a percepção de que não há virtude alguma em fazer as coisas sempre da mesma maneira.” Veja... Ser criativo é realmente bem fácil. Tudo o que você precisa fazer é não incluir em seu trabalho alguma coisa que já tenha visto anteriormente.

Mas o que tornará sua criação uma obra de arte? Como



4



5



6

#### Projetos de Iluminação realizados por Howard Brandston

- 1 Niagara Mohawk – Syracuse / Nova York / EUA
- 2 Petronas Towers – Kuala Lumpur / Malásia
- 3 Christ Church – Bronxville / Nova York / EUA
- 4 404 Washington – Miami / Flórida / EUA
- 5 Estátua da Liberdade – Nova York / EUA
- 6 Hostos Community College – Nova York / EUA

um design que se forma em sua mente se torna uma obra de arte? Quando a iluminação, assim como a poesia, alcançar a sua alma, da mesma maneira que a música enche a sala, você terá criado uma obra de arte. Cada folha de papel em branco, cada novo projeto que inunda a minha alma, inspira minha curiosidade quando empunho meu lápis na busca de uma solução artística.

#### Minha experiência de vida

Vou contar um pouco da minha história, explicar porque acredito na importância de se criar alguma coisa nova em cada projeto e de se fazer sempre o exercício do questionamento “O que você deseja ver?”. Quando frequentava a escola primária, decidi que queria ser um artista. Tinha talento para o desenho e queria ir para uma escola secundária especializada no treinamento de artistas.

Minha professora de arte, muito inteligente, entendeu que aquela opção seria muito limitadora para mim e me fez ir para um colégio muito especial que tinha um programa acadêmico completo e mais uma extraordinária faculdade de artes. Este impulso me lançou, ainda adolescente, num mundo totalmente novo.

Meu professor de arte foi Leon Freund, um artista lendário e professor, um dos líderes escolhidos por Franklin Delano Roosevelt (FDR) para o WPA – Works Progress Administration – programa responsável pela recuperação das artes nos Estados Unidos, durante a grande depressão. Leon gostou de mim e dos meus

desenhos. Ele me fez membro de seu lendário grupo de arte. Minha tarefa era preparar material para as aulas diárias de arte.

Quando ele ia passar uma tarefa à classe, e antes que os alunos comessem a trabalhar, dizia: “Na frente de vocês está uma folha de papel em branco. Ela é a matéria-prima para um trabalho de arte. Vamos ver o que vocês conseguem fazer”. Cada projeto se tornou, desde então, minha folha de papel em branco, sobre a qual me debruço e digo a mim mesmo: “Agora, o que vou fazer?”. Hoje, fazendo uma retrospectiva, percebo que foi lá que aprendi a ver.

Na universidade, com a tenra idade de 16 anos, eu estava engajado num programa liberal de artes, com foco principal no teatro e um foco menor na filosofia. Eu era uma estrela no colégio, mas naquele momento me senti totalmente intimidado pelas habilidades e sofisticação dos trabalhos dos estudantes da faculdade.

Tinha medo de assumir qualquer tarefa – e mesmo de tentar executar qualquer parte de uma delas. Então, me aninhei no conforto dos estúdios de arte, onde eu poderia trabalhar sozinho. Embora não matriculado em nenhum dos estúdios, em virtude do meu relacionamento com o grupo de Leon Freund no colégio, obtive permissão para frequentá-los.

Lá, conheci um estudante excêntrico e inspirado, Paul Von Ringelheim, e nos tornamos amigos íntimos. Nossos trabalhos serviam de inspiração para o outro. Quando Paul se formou, tornou-se assistente de Pablo Picasso.

#### O teatro

Nessa mesma época, adquiri um grande interesse pelo teatro, e outro herói do WPA, Gustav Blum, era o professor de drama. Fomos levados à Broadway e às suas produções. Aqueles shows eram um verdadeiro inferno para minha imaginação juvenil. Inspirado pelos talentosos designers e atores, e como reforço dos meus extraordinários professores, meu futuro estava claro para mim. Eu iria trabalhar no teatro.

Apesar da minha experiência bem-sucedida nas artes plásticas, meu coração estava no teatro. Finalmente, um dia, enchi-me de coragem para ir à reunião de produção preliminar de um show. Sentei-me, hipnotizado, como sempre, com aquele universo, enquanto eram chamados voluntários para trabalhar em diferentes atividades.

Quando o diretor técnico perguntou, “Quem quer trabalhar na iluminação?”, pulei e disse: “Eu!” Aquele foi o último grupo que ele precisava. Para mim, foi o começo de uma nova vida. Eu estava partindo para ser um artista de teatro.

Diferentemente do que acontece na arquitetura e na engenharia, no teatro não há regras, diretrizes e códigos. Era como se não houvesse limites ao que queríamos fazer. Tudo o que era exigido era um pouco de esforço e muita imaginação. A realidade resultante do privilégio de ter trabalhado no design de produções teatrais, e as experiências com aquelas oportunidades de exercício da criatividade, ajudaram a modelar a minha vida.

#### Iluminação deve começar com inspiração!

A inspiração vem de uma mente aberta, ceticismo e curiosidade. Ela vem de uma exposição e apreciação do trabalho de outros artistas, músicos, atores, escritores, filósofos, cientistas e assim por diante. Isto se tornou bem pessoal para mim nas cenas do Café New York, e em alguns restaurantes artísticos, em meio a um grande número de artistas. Sim, os aperitivos geraram conversas estimulantes.

Minha inspiração foi e continua sendo alimentada por essas conversas e por meus mentores, com os quais cresci. Ela também vem da colaboração de outros artistas, com quem tive a boa sorte de participar de vários projetos ao longo dos anos, como Martin Puryear, Dan George, James Turrell, Maya Lin, Mary Miss e Roy Lichtenstein. Com eles, aprendi que a inspiração não vem de uma imersão em seu próprio trabalho.

Lighting design como arte é uma coisa muito pessoal, que se mantém atualizada não só pelo trabalho em si, mas também por exercícios mentais diários, para aprimorar habilidades, e pela alimentação dos canais inspiradores do nosso cérebro. Assim, eu tenho um esquema cardiovascular para a minha mente permanecer sempre arejada, além de ir a concertos, teatro, exposições etc., que são excelentes recursos para alimentar a criatividade.

Não se trata de condição física, mas de uma rotina de estimulação mental. Quando entro em algum novo espaço, desafio a mim mesmo a encontrar alguma

coisa que, se modificada, possa resultar numa sensível melhoria daquele lugar e tomo nota de tudo. Ao que esse exercício me ensinou? Aprendi a ver, a avaliar e me tornei alfabetizado em iluminação. Faço essas anotações como quem escreve uma música.

### Senso de memória

A disciplina de seguir a construção deste exercício é chamada no teatro, de “senso de memória” do caráter dos espaços. Ele acaba se tornando uma referência sobre o impacto emocional da luz no espaço, capaz de tornar possível a previsão das emoções que o projeto de iluminação causará.

Exercícios deste tipo me permitem tomar as decisões corretas acerca da escolha das fontes de luz e de sua distribuição no espaço. Eles são fundamentais para fazer da iluminação uma arte, que pode fazer parte da “alma” dos espaços iluminados. Sigo esse mesmo método para a iluminação de espaços exteriores.

### Para quem estou trabalhando?

Cada projeto tem um cliente e seus representantes, mas não é só para eles que desenvolvo meu trabalho, é também para todos os que terão algum contato visual com o espaço que ilumino. Entendo que cada lugar contemplado com a minha arte faz parte de uma cidade e de um país, e me sinto responsável por satisfazer o desejo de todos, e isso acende em mim paixão e inspiração para criar uma obra original.

Portanto, precisamos utilizar um processo metodológico que contenha um componente interativo que inclui o cliente, todos os membros da equipe de projeto e muitos outros, de modo a permitir testar todas as potenciais soluções de design. Imagine a presença da Estátua da Liberdade em Nova York... Lá, a responsabilidade era cativar pessoas de muitas culturas do nosso planeta.

### Quem é o designer de iluminação?

Uma pessoa é um designer de iluminação caso tenha produzido uma razoável quantidade de trabalho. Mas, só isso faz dela um profissional? Todos eles são, indubitavelmente, praticantes, mas, em minha opinião, tornamo-nos profissionais quando damos uma inegável contribuição à profissão. E este reconhecimento tem que vir dos seus pares. Você não pode atribuir essa nomenclatura a si mesmo!

Tornamo-nos artistas quando o reconhecimento de nosso trabalho extrapola as fronteiras do nosso campo de atuação. Você deve estar sempre à frente na arte do design de iluminação. De coração, eu gostaria que meu mentor Stanley McCandless e meus colegas Richard Kelly e Abe Feder, só para citar uns poucos, estivessem aqui para ver o crescimento espantoso que esta profissão vem tendo, e pudessem experimentar um pouco do trabalho criativo que vem sendo produzido.

Recentemente assisti ao espetáculo Pacífico Sul, no Teatro Lincoln Center, em Nova York, que foi iluminado com muita sensibilidade pelo grande artista e iluminador de teatro Don Holder. Na ocasião, aprendi com o seu trabalho enquanto cantava para mim mesmo “Some Enchanted Evening”.

Sensibilizou-me pessoal e profissionalmente perceber que tamanha competência da arte da iluminação está sendo praticada hoje. Infelizmente, tamanho gabarito não é ainda uma realidade universal. Penso que vivo num conto de fadas ao imaginar que a iluminação um dia será universalmente reconhecida como uma arte. E, pelo amor de Deus, leis e códigos não podem ser escritos de modo a controlar a cultura e o pensamento artístico.

### Para me entender

Penso que a minha vida seja mais imaginária que real. Então, deixo vocês com alguns pensamentos do meu romancista favorito, Lewis Carroll, tirados de seu encantador livro “Alice Através do Espelho”. Alice diz: “Não se pode acreditar em coisas impossíveis”; “Eu ousou dizer que você não tem muita prática”, responde a Rainha, “Quando eu tinha a sua idade, treinava, pelo menos, meia hora por dia. Fazia de tudo para acreditar que poderia acontecer até seis coisas impossíveis antes do café da manhã.”

Novamente, como a Rainha Vermelha falou para Alice, em outro trecho da obra: “Corra tanto quanto puder para ficar no mesmo lugar. Se você quiser chegar a outro lugar, corra duas vezes mais rápido”. E, finalmente, “Coerência é o fantasma de mentes pequenas”. ◀

*Tradução: Paulo Scarazzato*

#### *Howard Brandston*

*é um dos lighting designers mais respeitados dos Estados Unidos, autor do livro “Aprender a Ver – A Essência do Design da Iluminação”, traduzido para o português, em 2010, pelo arq. Paulo Scarazzato, e publicado pela De Maio Comunicação e Editora.*

